

## Lembranças de Escolas

Martha Cupolillo

### PIOLHOS, AMORES E ÓDIOS: LEMBRANÇAS COM OS COTIDIANOS ESCOLARES



“Escola, Nossa Senhora do Sagrado Coração!  
Onde a alma se aprimora no caminho da  
instrução!” (refrão do hino).

Refletindo sobre nossas memórias, percebemos que elas são seletivas e emergem de negociações de sentidos que fazemos a partir de situações que nos *acontecem nas nossas experiências* de vida (LARROSA: 2001). Nessas negociações, produzimos e reproduzimos, ao mesmo tempo, processos de autoconhecimentos e relações de conhecimentos com muitos outros e outras. São dessas relações, nas quais co-existem afetos e desafetos, dor e prazer, aproximações e distanciamentos, que puxamos alguns fios e onde outros rebeldes brotam, mesmo sem serem chamados, porque estão lá, fazendo ‘acordar’ algumas recordações e ‘adormecer’ outras, que depois podem ser ‘acordadas’ ou não, em outras situações.

Existem, também, aquelas lembranças que ariscas insistem em não dormir mesmo quando não queremos com elas nos encontrar. Ou seja, essas seleções são como os tempos de memórias, não são fios

que surgem nem correm aleatoriamente porque não são quaisquer uns e de quaisquer formas. São fios de marcas que estão em nós, porém não são por nós absolutamente controláveis e, por vezes, surgem das imprevisibilidades cotidianas.

Assim foi comigo e Lúcia Bessa de Mendonça Voss. Duas professoras de Educação Física, com nossas vidas e muitas redes de significações comuns e diferentes.

Todos os dias pela manhã, era assim que começávamos a aula. De pé, cantávamos com empolgação o hino da escola, do qual me lembro bem desse refrão. Vejam só, desde então a escola me instruía com o objetivo de aprimorar a minha alma e, assim eu fui me tecendo nesses e em tantos outros *espaçostempos* de educar marcados por dicotomias.

Contudo, eu gostava da escola e de tudo que viver nesse ambiente proporcionava, tanto naquilo que nos aprisionava como também no que não nos controlava. Falo das "táticas cotidianas" (CERTEAU: 1994), os modos singulares com que usamos as normas, agindo de diferentes formas no campo minado pelo poder.

Assim emergem as tensões que vão nos fazendo enfrentar desafios.

Recordo do dia em que Dona Marina, a diretora da escola, que está altiva e bem penteada na foto, mandou um comunicado para casa alertando para um surto de piolhos que 'assombrava' a escola. A sua recomendação rigorosa é que os pais mantivessem os cabelos de seus filhos mais curtos para facilitar a higiene e diminuir a contaminação. Minha mãe imediatamente acatou a "sugestão" revestida de autoridade. Não foi só ela, como pode ser visto na fotografia anexa. Quase todas as famílias tomaram a mesma atitude, com exceção de quem? Da mãe da Lucinha que não cortou o cabelo dela.

Foram momentos difíceis! A minha amiga com quem eu adorava brincar, agora eu detestava encontrar todos os dias. Ela manteve os cabelos longos como eu queria ter e ainda ficou mais bonita criando uma competição amorosa terrível. Eu gostava do Cláudio Augusto, aquele menino mais alto na foto que se posiciona atrás de Lucinha, criando um imaginário triângulo amoroso que nos envolvia: ele gostava da Lucinha porque era a única com cabelo bonito, cumprido, de menina.

Assim, foram e vão se tecendo as nossas corporeidades, de relações dinâmicas, juntas e separadas circuladas por padrões que já se constituíam de esterótipos femininos, de modelos de estética que inundam as nossas formas de ser e estar no mundo nos movendo por competições, amores e ódios.

Dessa maneira, entendo ser importante discutir a idéia de que a escola não é o lugar onde se aprende, só, a “ler, escrever e contar”, conteúdos dos currículos oficiais. Ela é composta, também, de *espaçostempos* nos quais a vida acontece e, portanto, impossível de ser totalmente controlado. São nesses contextos onde, também, tecemos os fios das redes de subjetividades que somos (SANTOS: 2002).

Essas foram algumas das minhas ‘memóriasimagens’ com as quais trabalho com *alunasprofessoras* num curso de formação de professoras discutindo, também, o meu próprio percurso de formação de *mulherprofessora*.

.....

### **Sobre o (a) autor (a):**

√ Martha Cupolillo: Doutoranda no ProPEd/UERJ, sob a orientação de Nilda Alves, membro do GRPESQ Currículos, redes educativas e

imagens, do Laboratório Educação e Imagem. ([www.lab-eduimagem.pro.br](http://www.lab-eduimagem.pro.br))

**Referências bibliográficas (ou textuais):**

- **CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.**
- **CERTEAU, Michel de et alii. A invenção do Cotidiano: 2. morar e cozinhar. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.**
- **LARROSA, J. Skliar, C. Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.**
- **SANTOS, Boaventura de Souza . A crítica da razão indolente - contra o desperdício da experiência. S. Paulo: Cortez, 2002.**